

INTRODUÇÃO

Este manual não pretende ser mais do que um conjunto de linhas gerais e orientadoras para os responsáveis pela segurança das escolas e pela elaboração dos respectivos Planos de Evacuação.

Inicialmente gizado pela Direcção dos Serviços de Planeamento e Operações do SNPC, surge agora com alguns ajustamentos, fruto da experiência de pessoas e entidades que, ao longo do tempo, o têm usado como modelo genérico para aplicar às suas situações reais e concretas.

Esperemos que continue a ser o bom instrumento que tem sido para todos os pedagogos que têm a seu cargo a protecção e segurança da população escolar.

Gen. Amílcar Fernandes Morgado
Presidente do SNPC

PLANO DE EVACUAÇÃO URGENTE DE UMA ESCOLA

1. GENERALIDADES

- a) Ao elaborar o **Plano de Evacuação de uma Escola**, há que considerar alguns factores que, de uma maneira ou doutra, poderão afectar o planeamento.

Assim, o **Plano** a elaborar deve visar um dado tipo de catástrofe de maior probabilidade de ocorrência.

Ao mesmo tempo, no entanto, deve existir um **Plano** mais genérico, dedicado apenas à rapidez e segurança da evacuação, qualquer que seja a catástrofe que ocorra ou a área específica a evacuar.

Este esquema, aliando a teoria à prática, ajudará o aluno a saber o que fazer perante as mais diversas circunstâncias anormais da sua vida.

- b) Concretamente: — deverá elaborar-se primariamente um **Plano** de Evacuação geral da escola e, só depois, planos específicos para a evacuação, por exemplo, da cantina, dos laboratórios ou de um pavilhão com alto risco de incêndio.
- c) Por outro lado, deverá ser também considerado se os riscos a enfrentar são interiores à própria escola ou exteriores a ela, isto é, se a catástrofe pode ter origem nas instalações escolares (cozinhas, sistemas de aquecimento, laboratórios) ou, pelo contrário, no exterior das mesmas (caso de uma escola à beira da estrada, onde possa ocorrer um acidente de viação com derrame de substâncias tóxicas ou inflamáveis).
- d) Não se pode, também, esquecer a necessidade de inspecções cuidadosas e periódicas de todas as instalações escolares, especialmente daquelas em que se possam gerar riscos.

Estas inspecções deverão ter lugar, no mínimo, **duas** vezes por ano:

- **uma**, antes do início das actividades, pois a escola esteve fechada durante um período longo e o calor e brisas do verão podem ter depositado em locais pouco acessíveis (sotãos) matérias ressequidas, altamente inflamáveis, que são um óptimo meio para o início e propagação de um incêndio.
- **outra**, no fim do inverno, pois as chuvas podem ter deteriorado tectos e coberturas ou provocado danos na instalação eléctrica que originam, mais tarde, curto-circuitos e consequentes incêndios.

2. PLANO DE EVACUAÇÃO GENÉRICO

a) Escolha de Saída

Um plano de evacuação tem de assentar na planta de ou dos edifícios e, de acordo com a possibilidade de as causas da catástrofe serem interiores ou exteriores, vamos escolher como primeiro ponto **a saída principal de emergência** a qual pode ficar:

- na frente — por ser a mais ampla e de fuga mais natural, se o acidente tem uma causa interior.
- nas traseiras — se a causa prevista é exterior ao edifício, por ser, então, a frente a parte do edifício mais provavelmente afectada.
- ou, então, nos dois lados — o melhor sistema de evacuação, pois assim se prevêem ambas as circunstâncias.

b) Escolha de Itinerários

Escolhida a ou as portas principais de saída do edifício, importa agora determinar com precisão os vários itinerários que, das diferentes salas, conduzem àquela.

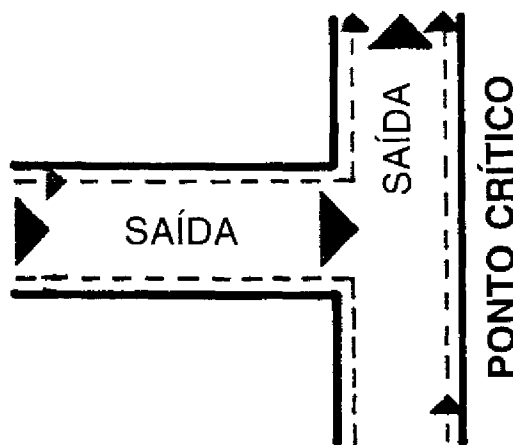
Isto será, do mesmo modo, feito com o apoio das plantas do edifício; nelas se traçarão os itinerários mais directos a percorrer pelos alunos de cada sala mas tendo em atenção **um princípio fundamental - que os itinerários de evacuação NUNCA se cruzem, salvo quando for de todo impossível.**

- Assim, se num corredor há salas dos dois lados, deve aquele ser dividido em 2 faixas (e marcado longitudinalmente a meio) por forma a evitar que os alunos, saindo das salas de um lado, se misturem com os das salas do lado oposto; isto é, os alunos, na sua rápida saída, devem seguir sempre ao longo da metade do seu corredor e dentro da respectiva faixa.

A adopção permanente deste procedimento trará uma grande disciplina ao movimento dos estudantes e, ao tornar-se prática diária, será extremamente fácil de seguir em situação de emergência.

c) Pontos Críticos

Quando houver corredores que terminem num corredor transversal, tais locais transformam-se num **"Ponto crítico"**. Cada **"Ponto crítico"** terá de ser cuidadosamente estudado em face da quantidade dos corredores confluentes, pois se o escoamento da coluna de alunos que se desloca pela faixa interior (esquerda, p. ex.) não trará problemas, a fila que se desloca pela faixa exterior (direita p. ex.), além da mudança de direcção, ver-se-á não só engrossada pela correspondente fila que vem do corredor afluente, como até interrompida pela fila oposta a esta.



Estes **"Pontos Críticos"** revelam-se de extraordinário interesse pois não só são pontos de "estrangulamento" dos movimentos de saída, como sobretudo podem dar origem a graves acidentes porquanto permitem que as pessoas se atoplem e — o que é muitíssimo pior — são eles que estão na origem de um dos grandes riscos das evacuações — o pânico.

— Outros "Pontos Críticos" são:

- Os átrios onde desembocam os vários corredores ou escadas.
- As portas de saída para a rua ou logradouros circundantes.

É nestes "**Pontos Críticos**" que se dá a maior concentração de alunos que, vindo de várias direcções e de vários acessos, aqui se juntam e sofrem uma brusca desorientação.

Tal desorientação é favorável à geração do pânico – responsável por grande número de acidentes em qualquer catástrofe que envolva grupos humanos: o conhecimento perfeito dos procedimentos a adoptar é o melhor antídoto contra o pânico.

- Embora de menor importância pelo número de pessoas que ali se junta, são também pontos críticos as portas de saída das salas, muito especialmente se abrirem "para dentro"; com efeito, na ânsia de uma saída rápida, as portas que "abrem para dentro" têm tendência para ser fechadas pela corrente de evacuação, principalmente se não houver tempo de as abrir completamente, isto é, se não se puderem encostar às respectivas paredes.

d) **Locais de Reunião Exteriores**

Uma evacuação de emergência tem de ser feita **ORDENADAMENTE**. E isto desde a saída das aulas, através dos corredores e portas, até se alcançar, no exterior, um local suficientemente afastado, amplo e seguro, onde as pessoas se possam reunir e permanecer sob controle. Na verdade, os alunos, especialmente crianças e adolescentes, não devem ser deixados entregues a si próprios, uma vez ultrapassada a porta da rua. Ficando a generalidade das escolas junto a ruas ou estradas com mais ou menos tráfego, os alunos, saindo desordenadamente — e apenas preocupados com o "susto" que acabam de sofrer — não se preocupam (nem disso cuidam) com novos perigos que lhes possam surgir — **os acidentes de trânsito**.

Daí que, num **Plano de Evacuação**, haja necessidade de fixar de antemão locais de reunião bem definidos e localizados, onde cada turma ou cada classe, abandonada a escola, se vá juntar, aguardando os acontecimentos ulteriores; este procedimento tem excepcional interesse para os alunos mais pequenos que, não podendo ir sósinhos para casa, ali aguardem, **uma vez que a situação esteja totalmente normalizada**, que os pais os venham buscar, ou mesmo que a Escola dali organize os transportes de regresso ao lar.

Na escolha destes locais deve ter-se em atenção que as proximidades imediatas da escola devem ficar livres e desimpedidas para permitir que os meios de socorro (carros de incêndio, ambulâncias, etc.) manobrem e actuem sem dificuldades.

3. ELABORAÇÃO DO PLANO

a) **Estudos Preliminares**

- Como atrás se disse, os estudos iniciais terão por base as plantas das escolas.
- Não menos importante, porém, será:
 - A população escolar.
 - O corpo docente.
 - O pessoal administrativo e auxiliar que ocupe a escola quer durante o dia (período diurno), quer durante a noite (período nocturno), se a escola funcionar à noite.
- Outro aspecto a considerar será a localização das fontes de energia:
 - Postos de transformação e interruptor geral.
 - Depósitos de gás (tanques ou botijas).
 - Depósitos de combustíveis líquidos (fuel-oil).
- Ainda de grande importância será a existência de extintores de incêndio, de capacidade adequada, devidamente colocados e cheios e dentro dos prazos de utilização; para isto, deverá pedir-se o conselho dos bombeiros da área, sempre disponíveis para o efeito.

b) **Desenvolvimento do Plano**

1 – Sinalização

Estudados e assinalados, na planta, os itinerários de evacuação, importa agora sinalizá-los muito claramente com sinais visíveis

tanto de dia como de noite nas próprias instalações escolares.
Não se deve esquecer:

- que os alunos não têm ainda a maturidade de adultos e desorientam-se facilmente;
- que o seu auto-domínio é ainda muito pequeno;
- que as suas reacções, quando em grupo, são quase sempre incontrolláveis, sobretudo se ameaçados por um perigo imediato;
- e que estes factores são os que mais contribuem para que se gere o pânico. E, como vimos, o pânico pode originar muitas vítimas perfeitamente evitáveis.

Por isso a **SINALIZAÇÃO** é importante:

- Indicações do sentido da evacuação.
- Sinalizações no pavimento.
- Sinalização dos locais de reunião fora do edifício.

2 - Pontos críticos

Em seguida, estudar-se-ão os **Pontos Críticos** (início e final de escadas), cruzamento ou confluência de corredores, átrios onde convergem vários itinerários de saída, portas e portões, etc.

3 - Fontes de energia

Depois, há que assinalar as fontes de energia e o seu melhor e mais rápido acesso, por forma a conseguir-se o seu corte com a máxima rapidez.

4 - Iluminação de emergência

Deve dotar-se a Escola, nomeadamente se tiver aulas nocturnas, com um sistema de iluminação de emergência que garanta, no caso de falha dos circuitos normais de iluminação, um nível luminoso que permita visualizar os obstáculos e concorra para uma evacuação ordenada.

5 - Sinal de Aviso

Como regra, as escolas têm sinais sonoros para o início e o fim das aulas. Estes, porém, pela habituação que trazem, não são os melhores

sinais de aviso, salvo se lhes for modificada a forma usual de toque; por isso, será de grande conveniência a instalação de um sistema sonoro destinado exclusivamente a dar o aviso em caso de iminência de perigo.

O sinal de aviso — sinal sonoro — qualquer que seja, tem de ser previamente escolhido e, sobretudo, muito bem conhecido das populações da escola (pessoal docente, discente, administrativo e auxiliar) pois, ao seu toque, cada um irá ter as suas tarefas a cumprir.

c) **Alerta**

Independentemente do desencadeamento do plano de evacuação, qualquer que seja a emergência, é obrigatório alertar imediatamente os bombeiros da área e obedecer a todas as suas instruções.

Aos alunos compete a evacuação **rápida e ordeira**, acatando as instruções que lhes sejam transmitidas. É por causa deles, fundamentalmente, que se tomam as medidas necessárias para a preservação de vidas e integridade pessoal.

Assim, em cada turma, ou sala, deve haver um aluno que, pela sua capacidade natural de chefia, decisão rápida e aceitação pelos outros (normalmente o delegado de turma), será o encarregado:

- **de abrir automaticamente a porta da sala, ao soar o sinal de aviso.**
- **conduzir os restantes alunos, atrás de si, através dos corredores ou escadas de saída, até aos portões da escola e depois ao local de reunião.**

Este aluno sentar-se-á sempre na carteira mais próxima da porta de saída e terá a responsabilidade de abrir a porta com rapidez e completamente para que os que o seguem não tropecem nela.

Os restantes alunos da classe abandonam os seus livros, deixam tudo como está e evacuam a sala por filas sucessivas, a começar pelas mais próximas da saída e seguindo em fila atrás do chefe de turma. O seu andamento deve ser rápido mas ordeiro.

Não se trata de um campeonato de corrida: deve tratar-se, de preferência, de um campeonato de ordem.

O professor deverá ser o último a sair, seguindo a turma na cauda da coluna, pronto a prestar auxílio a qualquer aluno que se desorienta, fique atrasado ou magoado na deslocação.

Para Planos Específicos que o justifiquem (fuga de gás, por ex.), convirá nomear alunos que automaticamente abram também janelas.

Se as luzes das salas de aula estiverem acesas, não se devem desligar — alguém cortará a corrente no quadro eléctrico. já que, quer ao acender quer ao apagar as luzes, se formam sempre faíscas eléctricas no interior dos interruptores que podem iniciar a inflamação de um gás que ali exista.

Do Conselho Directivo

- Orienta superiormente a evacuação, determinando os métodos a usar para a saída rápida do pessoal pertencente aos Serviços Administrativos e de apoio (Secretaria, Sala de Professores, Cantina, etc.).
- Escolhe e nomeia o pessoal incumbido da execução imediata de missões específicas, nomeadamente, para:

- Accionar o sinal de Aviso.
- Proceder aos cortes de energia (Gás, Electricidade, Fuel, etc.).
- Accionar os extintores de incêndio.
- Ocupar os "**Pontos Críticos**" e, aqui, orientar o "trânsito" dos alunos.
- Pedir a intervenção imediata das Forças de Socorro (Bombeiros, CVP, etc.) e, se tal se justificar, das Forças de Segurança.
- Se for o caso, promover a interrupção do tráfego automóvel nas vizinhanças das portas de saída da Escola.

Por último, mas não menos importante, nomeia o pessoal encarregado de:

- atender o público e jornalistas.
- receber as organizações de socorro. Forças de Segurança, expor-lhes a situação e indicar-lhes os pontos de maior perigo.

4. CONCLUSÕES

- a) O que acaba de ser exposto aborda, genericamente, os problemas de evacuação rápida das Escolas em geral.
- b) Cada Escola terá, porém, problemas específicos, para os quais terá também de encontrar ou adoptar soluções.
- c) A evacuação é, digamos, o recurso para fazer face às catástrofes ou à iminência de catástrofe. Não se pode, porém, esquecer que "MAIS VALE PREVENIR QUE REMEDIAR".
- d) Por isso, é necessário proceder a vistorias e exames prévios dos diferentes órgãos e sistemas de uma Escola — para o que se considera fundamental e imprescindível uma estreita colaboração com os Bombeiros da área (seguindo os seus conselhos e sugestões), aos quais deverá ser previamente fornecida uma planta da Escola com indicação das áreas de maior risco (laboratórios, p. ex.) e ainda a localização das bocas de incêndio, depósitos de combustível, etc..
- e) Para terminar, importa fixar a noção de que um plano, por mais bem concebido e elaborado que seja, perde todo o seu interesse se, de acordo com ele, não forem feitos ensaios e treinos. Será, sem dúvida, de muito boa norma fazer **UM EXERCÍCIO DE TREINO pelo menos UMA VEZ em cada TRIMESTRE.** _____
Perdem-se 15 minutos; assiste-se a alguma perturbação da vida escolar; mas poderão ser salvas algumas vidas, num caso real.
E não se esqueça de que a participação dos bombeiros da área nestes treinos não só lhes empresta um maior realismo como facilita o conhecimento e o diálogo recíprocos que poderão vir a ser da maior utilidade no futuro. _____

INFORME-SE • COLABORE • PARTICIPE